

Fil.

Professor: Gui de Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

Arthur Schopenhauer

Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) foi um grande filósofo alemão, conhecido principalmente por sua obra “**o mundo como vontade e representação**”, tendo influenciado pensadores como Nietzsche, Kierkegaard, Freud, Jung, e artistas como Jorge Luis Borges, Rilke, entre outros. Schopenhauer se apropria de elementos do budismo e de alguns aspectos da filosofia kantiana para construir uma ética da compaixão. Segundo ele, a filosofia tradicional errou em não dar à compaixão o valor que era devido.

Um dos aspectos que o filósofo alemão vai recuperar da filosofia kantiana é a ideia de que nós não podemos conhecer as coisas em si mesmas, ou seja, não podemos conhecê-las exatamente como são, restando-nos conhecê-las a partir de representações. Portanto, o que conhecemos são os fenômenos - as coisas tais como aparecem para nós - mas não a realidade em si mesma. Já o conceito de vontade diz respeito a uma vontade cega e irracional que move todos os seres vivos. Assim, todos os seres, em última análise, lutam pela sua própria vida a partir de uma vontade que é egoísta e voltada para a subsistência.

Com base nessas ideias de vontade e representação, Schopenhauer vai criticar confiança exagerada na razão - presente, por exemplo, em filósofos como Descartes e Kant - pois o homem, segundo ele, não possui o controle racional sobre as coisas e nem sobre si próprio, pois há um desejo cego e incontrolável que os afeta. Assim, é uma ilusão suposto controle racional defendido pela metafísica tradicional, o que nos leva para uma visão pessimista sobre a realidade.

O mundo é marcado, seguindo esse ponto de vista, pela dor e pelo sofrimento, pois o homem nunca pode satisfazer completamente o seu desejo. A ética da compaixão e da caridade oferece um contraponto ao egoísmo. Enquanto o egoísmo parte da ideia de que somos o centro do mundo e, nessa mesma medida, acaba por separar os homens, o exercício da compaixão pode, inversamente, unir os homens naquilo que eles têm em comum. Assim, percebemos que todas as coisas estão unidas quando estabelecemos uma relação de compaixão com elas.

EXERCÍCIOS

1. Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.

SCHOPENHAUER, A. *Aforismo para a sabedoria da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

- a) a consagração de relacionamentos afetivos.
- b) administração da independência interior.
- c) fugacidade do conhecimento empírico.
- d) liberdade de expressão religiosa.
- e) busca de prazeres efêmeros.

2. “A Filosofia a golpes de martelo” é o subtítulo que Nietzsche dá à sua obra *Crepúsculo dos ídolos*. Tais golpes são dirigidos, em particular, ao(s)
- conceitos filosóficos e valores morais, pois eles são os instrumentos eficientes para a compreensão e o norteamento da humanidade.
 - existencialismo, ao anticristo, ao realismo ante a sexualidade, ao materialismo, à abordagem psicológica de artistas e pensadores, bem como ao antigermanismo.
 - compositores do século XIX, como, por exemplo, Wolfgang Amadeus Mozart, compositor de uma **ópera de nome “Crepúsculo dos deuses”, parodiada no título.**
 - conceitos de razão e moralidade preponderantes nas doutrinas filosóficas dos vários pensadores que o antecederam e seus compatriotas e/ou contemporâneos Kant, Hegel e Schopenhauer.
3. Aristóteles, por exemplo, falava da tragédia como catarse, pela qual a arte nos capacita a lidar com emoções universais por nos confrontar com elas e, em certo sentido, nos fazer purgá-las, ao assistirmos a um drama. Hsun Tzu achava que, de certa forma, a música reflete a harmonia da ordem divina, de modo que sabermos apreciar a música de maneira adequada nos leva a um certo *insight* [iluminação] da realidade última. Schopenhauer acreditava que a arte é um *insight* do aspecto fundamental da realidade: a vontade, isto é, o poder por trás de toda atividade do universo.

Considere as seguintes afirmações:

- Para Aristóteles, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.
- Para Hsun Tzu, a música tem uma função preponderantemente expressiva.
- Para Schopenhauer, a arte tem uma função preponderantemente expressiva.

Está(ão) correta(s)

- apenas I.
- apenas II.
- apenas III.
- apenas I e II.
- apenas II e III.

GABARITO

Exercícios

1. B
Ao criticar a satisfação de nossos desejos, Schopenhauer retoma uma concepção filosófica de tradição estoica, segundo a qual a felicidade se dá através do controle das paixões.
2. D
O indivíduo soberano, diz Nietzsche, deve livrar-se da moralidade, das coerções sociais. Um indivíduo assim se move de acordo com o seu instinto e sua natureza; ele não se submete à consciência que reprime seus impulsos desiderativos. O soberano se livra da consciência destruindo sua memória e alcança a liberdade através do esquecimento. Com marteladas, a ética pode ser fundada com o esquecimento do moralismo.
3. A
Podemos dizer que somente Aristóteles possui uma definição de arte com relação à função expressiva. Enquanto Hsun Tzu e Schopenhauer concebiam a arte como *insight*, Aristóteles a enxergava como catarse, ou seja, como expressão humana (apesar de alguns autores considerarem que a função pedagógica seja a predominante na concepção aristotélica de arte).